ARQUIVO HISTÓRICO MONSENHOR HORTA: ESTILHAÇOS

José Arnaldo Coêlho de Aguiar LIMA*

LIMA, José Arnaldo Coêlho de Aguiar. Arquivo Histórico Monsenhor Horta: estilhaços. I COLÓQUIO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA E EDIÇÃO MUSICAL, Mariana (MG), 18-20 jul. 2003. *Anais*. Mariana: Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana, 2004. p.177-197. ISSN: 1807-6556.

RESUMO. Este trabalho objetiva apresentar o acervo documental, hoje conhecido como Arquivo Histórico Monsenhor Horta, encontrado no distrito de mesmo nome, em Mariana (MG), e recolhido às dependências do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto, ainda no ano de 1996. Possui as seguintes partes: a) Breve informe histórico sobre o distrito marianense; b) O achado da documentação; c) Caracterização preliminar do acervo; d) Condições em que o mesmo foi encontrado; e) Seu estado de conservação; f) Primeiras tentativas de organização; g) Intervenções até hoje realizadas; h) Consultoria externa; i) Avaliação preliminar; j) Estágio atual do trabalho. Objetiva também expor, para o debate, as possíveis proposta de utilização futura deste acervo.

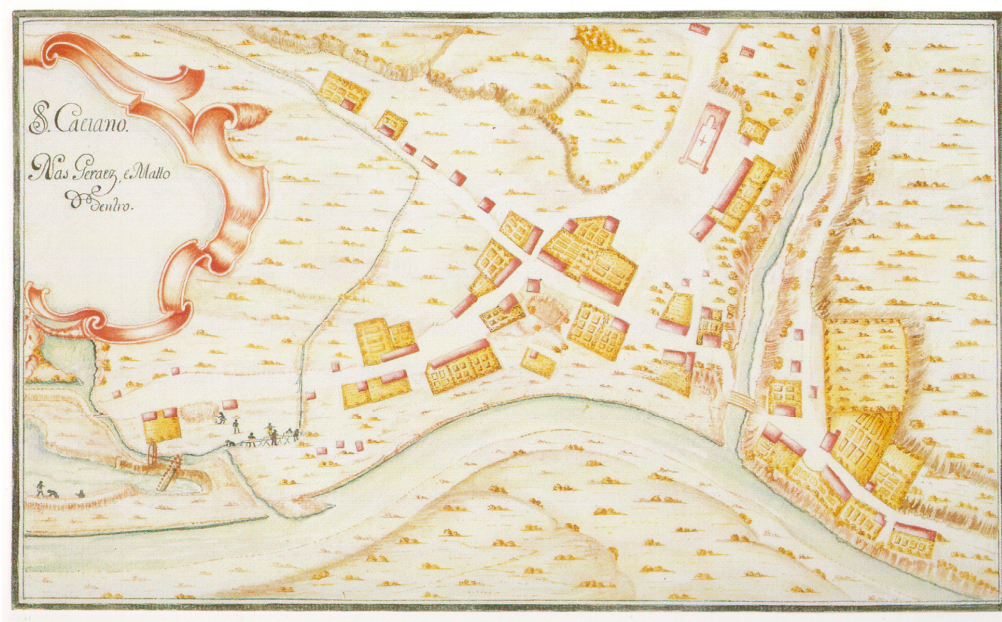
1. Introdução

De início, gostaria de agradecer o gentil convite formulado por Paulo Castagna, para que pudéssemos estar aqui, hoje, participando deste I Colóquio Brasileiro de Arquivologia e Edição Musical, mais uma positiva realização da Coordenadoria de Cultura e Artes da UNI-BH, da Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana e da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais. A todas estas entidades, meus mais sinceros agradecimentos. Devo, em segundo lugar, informar que minha formação acadêmica passou longe de toda e qualquer aproximação com a musicologia e seu corolário; o que me faz, desde já, solicitar desculpas por qualquer equívoco que venha a cometer nesta área. Sou historiador, ministrando aulas de História da Arte no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), desde sua criação, em 1982, e, ultimamente, entre outras atividades, aventurando-me na organização de acervos documentais de acentuada importância para a história dos costumes e dos processos civilizatórios estabelecidos em Minas Gerais nos períodos colonial e provincial. Trata-se do conjunto de documentos conhecido como Arquivo Histórico Monsenhor Horta. É sobre este acervo, suas origens e seu atual estado de organização, que pretendo falar a partir de agora.

* Professor do setor de História da Arte, do Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto; coordenador da Sala Affonso Ávila e do Arquivo Histórico Monsenhor Horta.

2. O local

O antigo arraial de São Caetano, também conhecido como do Ribeirão Abaixo - em contraposição ao arraial do Ribeirão Acima, ou do Carmo - foi fundado, entre outros, por Caetano Pinto de Castro, nos estertores do século XVII.[1] Depois de descobertas as minas do Ribeirão do Carmo, atual Mariana, assentado um arraial e erigida ali uma capela, os mesmos foram acometidos por sucessivas crises de abastecimento de gêneros alimentícios e arrasadoras inundações. Estes acontecimentos fizeram com que a população e seus chefes, de tempos em tempos, debandassem de lá, buscando outras paragens, mais apropriadas e condizentes para sua sobrevivência. Nesta tarefa, tomam o rumo da vazante do Ribeirão do Carmo, descendo seu curso, descobrindo novas áreas de mineração, fundando novos arraiais e, principalmente, abrindo roças e pastos para assim cuidar melhor do abastecimento daquela população.

Figura 1. LISBOA. ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. São Caetano nas Gerais e Mato Dentro; c.1732. Aquarela sobre papel, 25,4 x 39 cm. Apud: BELLUZO, Ana Maria de Moraes. *Um Lugar no universo*. São Paulo: Metalivros, 1994. p. 54. (O Brasil dos viajantes, 2).

1. Cf.: VASCONCELOS, Diogo de. Apêndice. In: _____. *História antiga das Minas Gerais*. 4 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. v.1, p.253-4. (Biblioteca de Estudos Brasileiros, 3).

Estabelecido um desses novos arraiais, uma das providências inaugurais tomadas pelos seus primeiros povoadores, no intuito de atender às suas mínimas necessidades devocionais, foi a ereção de uma capela dedicada a são Caetano. Provavelmente, construído com materiais perecíveis - barro e palha - e de maneira precária, como aconteceu nos inúmeros arraiais fundados naqueles primeiros anos do descobrimento, este templo, com toda certeza, sobreviveu até finais da primeira metade do século XVIII. Foi em uma de suas campas, existentes debaixo do arco do cruzeiro, que encontrava-se enterrado o coronel Salvador Fernandes Furtado, o descobridor, juntamente com outros desbravadores, das minas no Ribeirão do Carmo, e morto em 1725.[2]

Para se ter uma idéia do fastígio que rondava aquela sociedade, que fazia da vida religiosa em torno da igreja e de seus festejos a única possibilidade de ostentação de riqueza e autoridade acumuladas, e já entrando no assunto principal desta comunicação, basta lembrar que no ano anterior à sua morte, o coronel Furtado foi designado o organizador da próxima Semana Santa. Salomão de Vasconcelos assim narra o episódio, informando que as festas foram soleníssimas, sem, contudo, apontar as fontes pesquisadas:

> "*Domingos Pais de Barros, seu parente* [do coronel Furtado] *havia instituído anos antes esta solenidade, para a qual organizou a orquestra, o que foi toda a dificuldade. A música era uma arte desprezível, e exercida em parte por escravos. Quando um qualquer destes valia 180 oitavas no máximo, o trombeteiro não se conseguia por menos de 500 e mil, prova, contudo, de sua estimação.*"[3]

Nesta época, este lugarejo, verificada a importância que vinha assumindo, tanto por sua capacidade produtiva quanto por sua arrecadação, foi elevado à categoria de vila. Acompanhando os ditames administrativos então vigentes, numa atitude paralela à criação da vila, foi criada, pelo Ordinário, precisamente no ano de 1742, uma freguesia que manteve, como era costume, o mesmo orago escolhido por seus fundadores. Diante destas transformações e da dilatação do número de seus fiéis, logo trataram de ampliá-la, dando-lhe, provavelmente as dimensões que ela hoje apresenta, e provendo-a de sua decoração

---

2. No mesmo ano em que foi o provedor da irmandade do Santíssimo Sacramento de São Caetano e principal responsável pela celebração da Semana Santa. Cf.: VASCONCELOS, Diogo de. *Op. Cit*. p. 237.
3. Id. p. 236.

interna, suntuosa e sofisticada. No entanto, no mais remoto registro visual de sua malha urbana, datado presumivelmente de 1732, observa-se em destaque, além do arruamento e do casario, a praça e a projeção de um templo de dimensões bastante avantajadas, se comparado com os outros monumentos dispostos ao seu redor.[4]

Passados alguns anos, esta matriz obteve a natureza de colativa por alvará régio de 16 de janeiro de 1756.[5] Foi seu primeiro vigário colado o padre Caetano Lopes Pereira, apresentado por carta régia de 19 de janeiro de 1752 e colado a 3 de outubro do ano seguinte.[6] Este primeiro vigário foi, naturalmente, seguido de outros, alguns de pouca sorte, sendo mesmo impedidos de tomar posse em seus cargos, como é o caso do padre Rufino Alves de Mesquita, citado pelo cônego Raymundo Trindade. Apresentado por carta régia de 18 de junho de 1825, somente tomou posse no dia 1º de agosto daquele ano, uma vez que a população local havia sido sublevada "[...] *por um certo padre Paiva* [...]"[7] que almejava seu lugar e sua côngrua, seus rendimentos.

No século seguinte, em 1823, quando da visita pastoral do bispo de Mariana Dom Frei José da Santíssima Trindade, ocorrida em 5 de julho, toda a freguesia contava 2.381 almas. Sua igreja

> "[...] *achava-se provida de ornamentos festivos sofrivelmente, porém os do comum pouco decentes. Quanto aos vasos sagrados e mais alfaias, tem alguma decência. É ornada de cinco altares sem riqueza, mas o campamento todo desbaratado, o corpo da igreja, sendo de pedra, por acabar em telha vã, a capela-mor de taipa, toda arruinada e quase a cair. Sua Excelência Reverendíssima pediu aos fazendeiros uma subscrição para a nova capela-mor e mais reparos, que chegavam a 700$000, entrando o pároco com 100$000. Sua Excelência Reverendíssima prometeu 100$000 para quando começassem e tem mais em depósito para esta reforma, em poder e por diligências do padre Joaquim do Monte, 300$000. Para diligenciar estas obras ficou o pároco e mais dois procuradores encarregados e nomeados por Sua Excelência Reverendíssima.*"

---

4. Sobre esta imagem e outras relativas à iconografia mineira no período colonial, verificar: GRAVATÁ, Hélio & ÁVILA, Affonso. Iconografia mineira do período colonial. *Barroco*, Belo Horizonte, 1984-5. v.13, p.33-51.
5. Cf.: BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Saterb, 1971. p.293. (Edição comemorativa dos dois séculos e meio da capitania de Minas Gerais).
6. Sobre este e outros vigários que lá exerceram seu presbitério, verificar: TRINDADE, Côn. Raimundo. São Caetano. In: _____. *Instituições de igrejas no bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945. p.283. (Publicação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 13).

Continua ele no provimento[8] lavrado em seguida, na freguesia de Paulo Moreira, no dia 20 de julho, como que reforçando o que havia sido combinado antes, entre ele e a população mais abastada do lugar:

> "*Sentimos sobremaneira a total ruína a que está reduzido o templo desta matriz, das campas das sepulturas, paredes e corredores e todo o edifício, e igualmente o desalinho e indecência total dos ornamentos, e não podemos deixar de estranhar muito gravemente a falta de zelo dos paroquianos em concorrer para a reparação do templo, e muito principalmente dos administradores das rendas da fábrica, que em tantos anos têm desamparado de toda a igreja, distraindo o emprego das mesmas e faltando até com o guisamento ordinário e indispensável, como nos constou. É decerto esquecimento notável dos deveres de cristão e da obediência às leis da igreja e à união que deve haver com o revendo pároco, para fins tão justos como necessários.*
>
> *Quando nos lembramos que a casa material clama pela Fé e pela religião da espiritual, que são as almas dos aplicados? Foi por isso que nos expusemos a pedir aos filhos da Igreja algumas subscrições proporcionadas aos seus teres, esperando ao mesmo tempo que os mais concorram também com os seus serviços para a sua reedificação, quando aos seus agentes chamarem os que se fizerem precisos, e confiamos muito no zelo e atividade dos três encarregados que, unidos com o reverendo pároco, promovam a mesma reedificação do templo e conserto dos ornamentos com a mais perfeita harmonia, segundo o plano estabelecido.*"[9]

É dessa época, justamente no momento em que a igreja matriz de São Caetano estava em seu pior estado de conservação, que datam os mais antigos documentos musicais lá encontrados.

3. O achamento

O achado da documentação ora conhecida como Arquivo Histórico Monsenhor Horta deu-se de maneira quase acidental. No primeiro semestre letivo do ano de 1993, eu ministrava a disciplina Seminário de História da Arte X, cujo tema é o estudo das

---

7. Id. ib.
8. Neste caso, o mesmo que carta pastoral.
9. Para obter mais informações sobre este assunto, verificar: TRINDADE, Dom Frei José da Santíssima. *Visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade*; 1821-1825. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1998. p.154. (Mineiriana, 11).

manifestações artísticas realizadas em Minas Gerais no período colonial, incluindo aí a arquitetura e as artes plásticas. Tínhamos já iniciado um estudo de caso, quando fui procurado por um morador de Monsenhor Horta, líder comunitário e estudante de Filosofia no curso *latu senso* que estava sendo ministrado no ICHS. Queria que fossemos até seu distrito, para lá estudarmos a possibilidade de transformar, pela restauração, um antigo e abandonado sobrado em casa de cultura. O grupo que ele representava pretendia que lá fosse instalada alguma instituição que pudesse abrigar as atividades culturais e sindicais do local e que a UFOP poderia contribuir de alguma maneira para a sua concretização.

Discuti esta nova proposta com nossos alunos e, resolvido que naquele semestre o referido imóvel seria nosso objeto de estudo, solicitamos transporte para a então Diretoria de Extensão da Universidade e para lá nos dirigimos. Foi uma viagem bastante agradável, uma vez que os moradores de Monsenhor Horta, envolvidos com a organização de associação de moradores e com a questão da preservação da memória material, nos esperavam de braços abertos e com lauto almoço.

Figura 2. Sobrado na praça Luiz Macedo, antiga rua do Comércio, em Monsenhor Horta, distrito de Mariana - MG (Fachada principal). Foto de José Arnaldo C. A. Lima, 1997.

Figura 3. Sobrado na praça Luiz Macedo, antiga rua do Comércio, em Monselhor Horta, distrito de Mariana - MG (Fachada principal). Foto de José Arnaldo C. A. Lima, 1993.

Na oportunidade, fomos até o sobrado e, depois de termos resolvidos alguns problemas de ordem prática, começamos a fazer o inventário de suas dimensões e a descrição de sua características arquitetônicas, para que um projeto arquitetônico e de restauração pudesse ser elaborado em outra oportunidade. Ao longo desta etapa, nos deparamos com uma quantidade enorme de papel amontoado em um dos pequenos cômodos nos fundos do segundo pavimento. Na hora, tivemos a impressão de que foram ali jogados de suas primitivas gavetas e/ou caixas onde deveriam estar guardados, com alguma violência, pois estavam dispostos como que em camadas sucessivas e desajeitadamente amontoados. Talvez, fruto da ação de alguém com bastante pressa, querendo livrar-se deles, para poder ficar com seus recipientes. O estado de conservação em que se encontravam era deveras lamentável. Do telhado daquele pequeno cômodo, constatamos que, já há algum tempo, vinha entrando água da chuva. Nele faltavam telhas, ripas e caibros em um pedaço considerável. Também vazavam papéis por um buraco no assoalho. Tudo dava a impressão de caos. Repito, era lamentável.

Figura 4. Sobrado na praça Luiz Macedo, antiga rua do Comércio, em Monselhor Horta, distrito de Mariana - MG (Detalhe do piso assoalhado de um dos cômodos do pavimento superior). Foto Mareza, 2000.

Não tivemos, de imediato, uma idéia da importância, do significado daquilo tudo, a não ser um profundo pesar por estarem aqueles papéis - algumas partituras manuscritas, algumas cartas ainda em seus envelopes, revistas rasgadas - naquele lastimável estado e naquelas péssimas condições de conservação. Nossa primeira vontade foi a de levar tudo para um lugar minimamente adequado e neste lugar proceder a uma análise do material. Vontade esta advinda, principalmente, diante da fala convicta de um dos membros do grupo que nos recebia. Disse ele com a maior das boas intenções: "- Depois de limparmos tudo isso, depois de jogarmos tudo isso no fogo, a casa ficará limpa, terá uma aparência melhor para que as obras de reforma possam começar". Diante da situação, discutimos, ali mesmo, com os representantes da associação local de moradores, e ficou acertado, é bom que se registre, por unanimidade, que, na semana seguinte, um carro da UFOP passaria por lá e pegaria o que fosse possível.[10]

10. O trabalho final realizado por alguns alunos matriculados naquele semestre letivo resultou num pré-*dossier* de restauração do imóvel. Constou dele as seguintes partes: Introdução, informe histórico, descrição

4. As primeiras experiências

Não fomos até lá quando isso aconteceu. Compromissos inadiáveis nos prenderam em Mariana naquele dia de abril de 1993. Mas, de qualquer modo, os documentos foram "embalados" em caixas de papelão e entregues no ICHS uma semana depois. Lá permaneceram no porão da sala onde se encontra depositado o Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana por exatos seis anos. Isso porque tínhamos duas idéias equivocadas sobre esta documentação. Primeira: a de que a maioria daqueles papéis eram documentos musicais. Segunda, decorrente da primeira: a de que somente alguém que entendesse de música, que lesse notação musical, poderia trabalhar neles. Estes equívocos foram, finalmente, desfeitos pelo professor Ronald Polito de Oliveira, quando o mesmo ouviu de um seu aluno, Ricardo Alexandre de Freitas Lima, graduado em Música pela Universidade Federal de Minas Gerais, que isso tudo poderia ser uma tarefa muito simples. Ele explicou que a maioria das partes de qualquer música trazia, como cabeçalho, o título, a autoria e o gênero musical a que cada uma delas pertencia, além de especificar o instrumento, e o seu tom, para a qual ela tinha sido copiada. Desta maneira, ficaria fácil separar todo aquele material para um primeiro agenciamento arquivístico. Assim, em 1999, exatos seis anos depois de estarem guardadas nos porões do ICHS e depois de já terem sido avaliadas, mesmo que de maneira superficial, por alguns músicos e musicólogos de Minas Gerais, esta documentação, enfim, iria ter o tratamento merecido e adequado!

---

arquitetônica, propostas de ocupação, bibliografia, inventário fotográfico. Participaram de sua elaboração os seguintes alunos: Eduardo Alves Covas, Maria Fernanda Noronha Serpa e Rubens Pereira da Silva.

Figura 5. Documentos na embalagem em que vieram para o ICHS/UFOP. Foto de André Henrique Guerra Cotta, 2002.

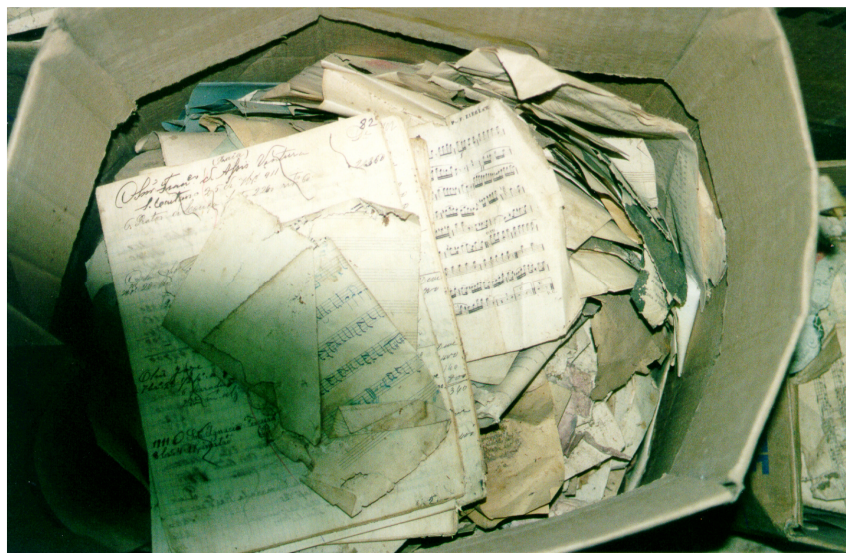



Figura 6. Documentos fora da embalagem em que vieram para o ICHS/UFOP. Foto de André Henrique Guerra Cotta, 2002.

Figura 7. Conjunto de documentos em sua forma antes de ser desmembrado. Foto de José Arnaldo C. A. Lima, 2001.

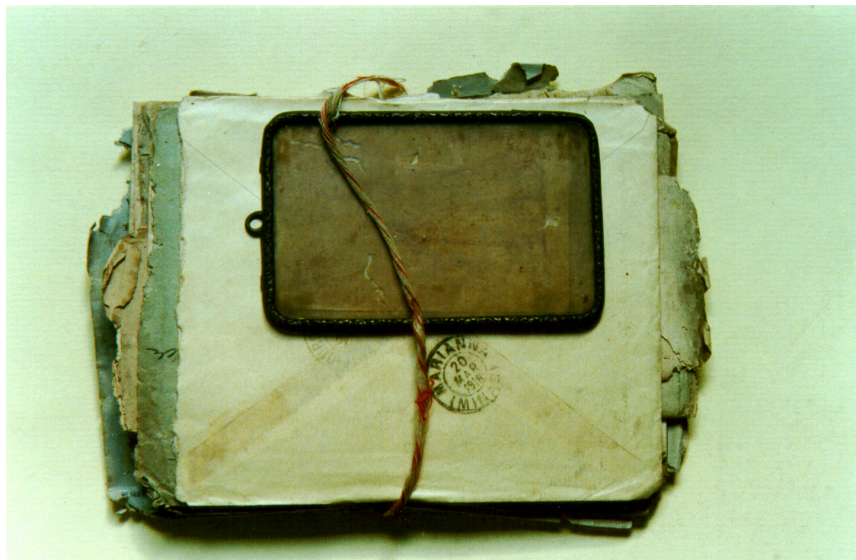



Figura 8. Conjunto de documentos sendo desmembrado. Foto de José Arnaldo C. A. Lima, 2001.

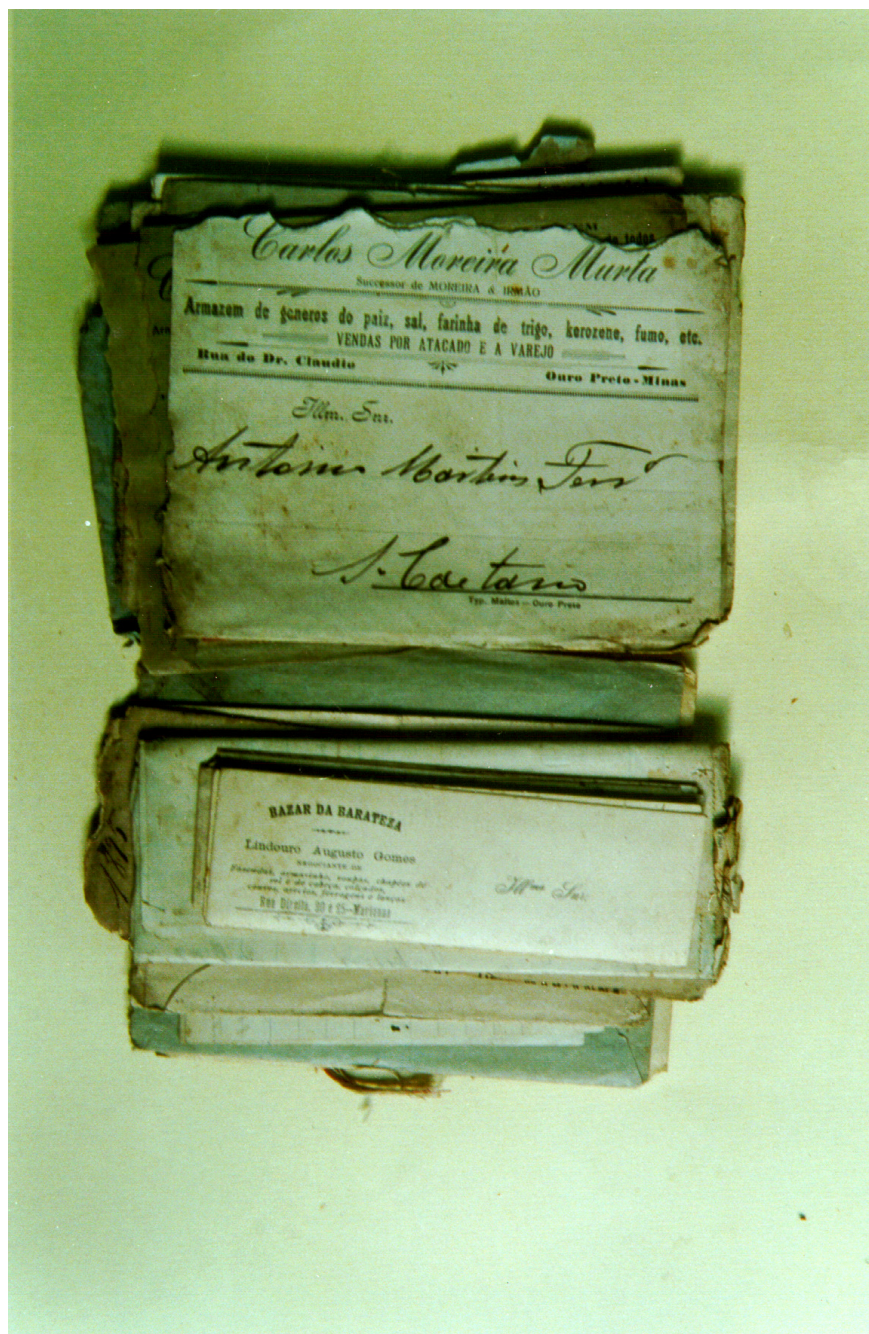



Figura 9. Cartão fotográfico publicitário. Foto de José Arnaldo C. A. Lima, 2001.

Figura 10. MARIANA. ARQUIVO HISTÓRICO MONSENHOR HORTA. Documento comercial. (Doc. não catalogado).

COMPLETO sortimento de louças, porcellanas, vidros, crystaes, talhas de filtro, moringas, etc.

APPARELHOS de nickel para chá, faqueiros de christofle para mesa, bandejas, lampeões para kerozene, etc.

Armazem de Louças, Porcellanas, Crystaes e Vidros

Officina de Gravura sobre Vidros e Crystaes

FILIAES: CASA VIANNA Rua do Ouvidor, 50 — BAZAR JAPÃO Avenida Rio Branco, 118 — CASA LIMOGES Av. Rio Branco, 120

Antonio Vianna & C.

TELEPHONE 745

Rua Primeiro de Março, 87

Deposito em frente na mesma rua 84

Factura dos seguintes generos que por ordem conta e risco do

Snr. Antonio Martins Ferreira — S. Caetano de Mariana

remettemos para Ouro Preto pel. E. F. Central

a ordem

Pedido

Rio de Janeiro, 12 de Setembro de 1912

70/186

As nossas vendas são A DINHEIRO, com o desconto determinado em nossa carta de aviso.

14.555 — Pap. União, Ouvidor 75

A dinheiro

Despezas

3 Barricas a 3000 9000

Carreto e despacho 4100

Figura 11. MARIANA. ARQUIVO HISTÓRICO MONSENHOR HORTA. Documento fiscal de 1888, no qual figura, como "coletor", o nome do músico Caetano Donato Corrêa (1845-1921). (Doc. não catalogado).

N.

RENDA PROVINCIAL

MINAS GERAES

EXERCICIO DE 1888

A folha do caderno de receita fica debitada ao Collector

a importancia de

Rs.

recebida de

pelo imposto de

Collectoria Municipal de

de de 188

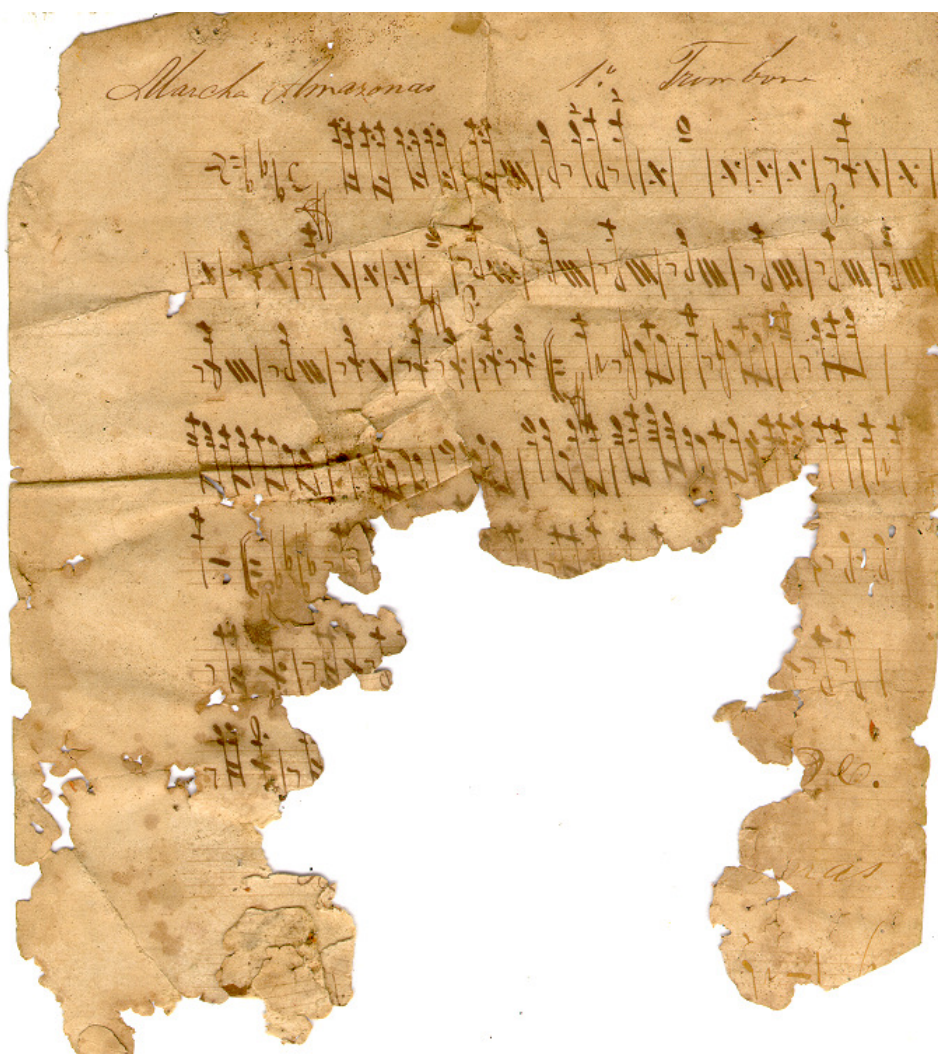
O Collector,

O Escrivão,

Provincia de Minas Geraes

Reunido o grupo inicial, formado pelos alunos Alessandro José Gorgulho Figueiredo Miguel, Alexandre Jorge Duarte, Flávia de Araújo Esteves, João Paulo Barbosa, Kleverson Teodoro de Lima, Maria Augusta Barbosa Gentilini e Ricardo Alexandre de Freitas Lima, todos voluntários, o professor Ronald Polito principiou os trabalhos pela separação serial dos documentos. Para que isso ocorresse, estes primeiros alunos fizeram o mais árduo dos trabalhos jamais exercido por qualquer historiador e/ou arquivista, ou mesmo outro profissional que tenha de se haver com materiais nestas situações de completa degradação, qual seja: a da higienização do acervo. Separação serial é uma forma não muito precisa, nem muito adequada para descrever o que ocorreu nesses primeiros momentos. Tratava-se, na verdade, de separar este material. Mas a separação possível era aquela indicada pelo grau de degradação que cada um deles apresentava. Assim, higienizou-se e separou-se, primeiramente, aqueles documentos que se apresentavam inteiros. Depois partiu-se para aqueles que apresentavam perda de 10% de sua superfície e assim sucessivamente, até que não fosse mais possível identificar a natureza do fragmento, ou do estilhaço, para ser mais exato, manipulado. Estes, onde a perda era total, foram parar numa caixa específica para, no futuro, serem trabalhados.

Ao mesmo tempo em que isso estava ocorrendo, estes documentos foram separados pela sua natureza, contrariando, forçosamente, toda a norma de organização arquivística, que reza pela manutenção da forma em que os fundos arquivísticos são encontrados. Primeiramente foram separados os documentos musicais daqueles não musicais. Entre os primeiros, procedeu-se uma outra divisão: a dos manuscritos e a dos impressos. Naqueles manuscritos procedeu-se ainda mais uma grande divisão: a das composições sacras e a das composições profanas. No rol daqueles documentos não musicais, o procedimento foi semelhante, separando-se primeiramente os manuscritos daqueles impressos e, depois tratando-os por categoria. Somente neste momento foi possível perceber a abrangência e a riqueza deste acervo, mesmo estando ele em lastimável estado de conservação. Foi também possível perceber que há um equilíbrio e uma correlação, mesmo que ainda vaga, entre cada uma destas partes apontadas anteriormente. Todas elas formam, em conjunto, uma unidade documental e arquivística, sendo a residência assobradada o elo que as une. Tanto que temos a impressão de que foram sendo ajuntados ao longo do tempo por gerações de moradores do antigo sobrado.

Figura 12. MARIANA. ARQUIVO HISTÓRICO MONSENHOR HORTA. Anônimo. *Marcha Amazonas*. (Doc. não catalogado).

Numa tentativa de finalizar a árdua tarefa de higienização deste material e de sua imediata identificação para posterior separação tipológica, trabalharam como voluntários, sob nossa coordenação, os seguintes alunos: Ênio Alves dos Santos, Érica Fernandes Silva, Estevão de Melo Marcondes Luz, Fábio Aparecido Monteiro, Fernando Abrantes Maurat, Fernando L. Oliveira Figueiredo, Francis Wellington de Barros Andrade, Igor Guedes de Carvalho, Isabella Fátima Oliveira de Sales, Leonan Maxney Carvalho, Luiz Gustavo Santos Cota, Marina Falsetti Silveira, Rafael Mansano Dalbon, Renato Augusto da Costa, Suianni Cordeiro Macedo e Thiago Ribeiro da Silva, entre outros. Na época, eram todos

calouros e alunos das disciplinas ministradas pelo professor Ronald Polito, no primeiro período de História. Daí o entusiasmo de todos, diante de tão ingrata tarefa! Creio ser por isso que alguns deles abandonaram o curso logo no semestre seguinte!

5. As consultorias

Findas estas etapas de higienização e separação dos documentos, e reconhecido o acervo na sua totalidade, partimos para a elaboração de fichas de identificação dos mesmos. Foram assim construídos formulários e instruções de preenchimento para as seguintes categorias documentais: Manuscritos Musicais, Impressos Musicais, Correspondências, Fotografias, Documentação Comercial, Iconografia, Notas Fiscais e Impressos e Periódicos. Para os documentos musicais, manuscritos e impressos, usamos como ponto de partida a dissertação de mestrado do musicólogo André Henrique Guerra Cotta, um dos nossos consultores voluntários, intitulada *O Tratamento da informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais em março de 2000. Esta dissertação, segundo seu autor, aborda o tratamento da informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros, partindo do estudo dos princípios de arquivologia, das normas internacionais de descrição arquivística e de normas internacionais específicas para a catalogação de manuscritos musicais. Faz uma análise panorâmica dos catálogos de manuscritos musicais publicados no Brasil e conclui com reflexões a respeito da aplicação dos princípios arquivísticos no tratamento de fontes para a pesquisa musicológica.[11]

Dessas normas internacionais de descrição arquivística de acervos musicais apontadas pelo autor, optamos, assim como outros pesquisadores têm feito, pelo *Repertoire Internationale des Sources Musicales* (*RISM*). A opção por esta normativa é fruto da orientação do próprio musicólogo André Guerra, que assim busca acompanhar, principalmente, a organização do acervo documental do Arquivo de Música de Mariana. Isso tanto pelas suas características intrínsecas, como pela sua proximidade do acervo do

---

11. COTTA, André Henrique Guerra. O Tratamento da informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros. Belo Horizonte: UFMG/Escola de Biblioteconomia, 2000. p.11. (Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, digitalizada).

Museu da Música de Mariana com o do Arquivo Histórico Monsenhor Horta. No entanto, foram necessárias algumas adaptações. Vários itens encontrados no *RISM* foram eliminados, principalmente aqueles que diziam respeito à editoração sonora dos documentos musicais, tais como gravações anteriores, orquestras e regentes responsáveis, data de primeira audição e outros que, pelas características dos documentos de Monsenhor Horta, foram avaliados como não necessários.[12]

No momento em que a organização do Arquivo Histórico Monsenhor Horta estava sendo definida por estas formas normativas, tivemos que conviver com inúmeros problemas, dentre eles a última greve do funcionalismo público federal, acontecida no ano de 2001. Ficamos um pouco mais que um semestre letivo sem a colaboração vital de alunos voluntários. No entanto, este momento, para nossa felicidade, coincidiu com a chegada do musicólogo Paulo Castagna à vida do nosso Arquivo. Foi ele o primeiro a aquilatar a importância dos manuscritos musicais lá encontrados e a se dispor a colaborar efetivamente com sua organização. Passou inúmeras horas trabalhando nos porões do ICHS, nas dependências da Sala Afonso Ávila, em noites seguidas, depois de já ter trabalhado sobejamente em suas pesquisas no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese e no Museu da Música, ambos em Mariana e na coordenação da pesquisa musicológica que nos tem brindado, a cada ano, com três importantíssimos CD's, além, é claro, da organização, poderíamos dizer, definitiva, de tão importante acervo documental para entendermos a História das Minas Gerais nos séculos XVIII, XIX e inícios do XX. É ele o responsável pela identificação, divisão e organização preliminar de toda o acervo de manuscritos musicais sacros existentes sob nossa guarda.[13]

No último ano conseguimos outra turma de alunos trabalhando conosco. Desta vez, remunerados, através de bolsas de estudo patrocinadas pelas pró-Reitorias de Extensão e de Graduação em programas específicos para este tipo de atividade. A turma era formada por Luciene Paraiso Rocha, Paula Ferrari e Gilcéia Freitas Magalhães; esta última, responsável, junto com o aluno Caio Pinheiro Teixeira, pela implantação do processo digital de guarda

---

12. Isso ainda pode ser alterado, havendo a possibilidade de todo o formulário *RISM* ser utilizado.
13. O trabalho de Paulo Castagna iniciou-se em dezembro de 2000 e resultou, até o momento, na separação e codificação dos grupos documentais e conjuntos de cópias, e na elaboração da primeira versão de um mapa de catalogação, no qual já estão indicados autor, *incipit* latino e função cerimonial de cada uma das mais de 300 composições identificadas. Em duas oportunidades, uma em 2001 e outra em 2002, contamos com a preciosa

das informações cadastrais já elaboradas e pela construção do banco de dados que ainda não está funcionando. A estes foram acrescidos os alunos Suianni Cordeiro Macedo e Jean George Farias do Nascimento, neste último semestre.

6. Estágio atual do trabalho

De posse do instrumental teórico de trabalho, e das fichas identificatórias impressas pelo Departamento de História, partimos para a organização arquivística dos documentos. Esses estão sendo re-higienizados, identificados individualmente e estão tendo, a partir desta identificação preliminar, suas fichas individuais preenchidas. O próximo passo a ser dado é juntar estas partes dispersas das várias músicas.[14] Terminado este procedimento poderemos, então, agrupar em pastas isoladas, individuais, as músicas, antes dispersas, numa tentativa de torná-las disponíveis para a comunidade que as gerou, mas que quase as perderam. Pela simplicidade, que depois notamos ser somente aparente, começamos pelas músicas manuscritas profanas. A primeira caixa a receber este tratamento mais sofisticado foi a que continha dobrados para bandas de música. Foram quase quinhentos documentos tratados e em fase de conclusão. O mesmo está sendo feito com a caixa das polcas. No presente momento, elas estão sendo identificadas com a colaboração dos alunos Suianni Cordeiro Macedo e Jean George Farias do Nascimento. Nesta caixa estão acondicionados aproximadamente 200 (duzentos) documentos, na sua maioria datados do século XIX e em razoável e bom estado de conservação.[15]

7. Frutos obtidos

Mesmo não estando ainda aberto ao público, o Arquivo Histórico Monsenhor Horta vem servindo de base para pesquisas desenvolvidas na área de musicologia, objeto de indagação deste I Colóquio Brasileiro de Arquivologia e Edição Musical. Notadamente

---

colaboração do também musicólogo Aluízio José Viegas, de São João d'El Rei e membro da equipe de pesquisa musicológica, na restauração e difusão de partituras, trabalhando no Arquivo da Música de Mariana.

14. Neste momento em que revemos estas notas, 27 de outubro de 2003, quase todos os documentos aglutinados sob as rubricas "dobrados" e "polcas", perfazendo um total de aproximadamente 500 manuscritos, estão identificados e prontos para serem indexados.

aquelas desenvolvidas pelos pesquisadores do projeto Acervo da Música Brasileira - Restauração e Difusão de Partituras,[16] os já mencionados musicólogos Paulo Castagna e André Henrique Guerra Cotta.. O acervo sob nossa guarda tem se mostrado bastante útil, seja por revelar manuscritos até então desconhecidos de algumas composições sacras executadas na região, no final do século XVIII e todo o século XIX, seja revelando outros, úteis para o cotejamento com outras fontes disponíveis em outros acervos, como é o caso do Museu da Música de Mariana. Esse cotejamento foi importante na edição e na gravação da *Missa Abreviada em Ré* de Manoel Dias de Oliveira (c.1735-1813) e da *Missa Pequena em Dó*, de Joaquim de Paula Sousa (c.1780-1842), ambas no v.2 (Missa) da série Acervo da Música Brasileira / Restauração e Difusão de Partituras, gravadas pelo Coral de Câmara São Paulo e Orquestra Engenho Barroco, sob a regência de Naomi Munakata.

Figura 13. MARIANA. ARQUIVO HISTÓRICO MONSENHOR HORTA. SOUZA, Joaquim de Paula. *Missa pequena em Dó*. Cópia de Frutuoso de Matos Couto, 1822. Frontispício.

15. Nesta tarefa temos encontrado algumas dificuldades. Uma delas é a descupinização da área em que trabalhamos. Outra á o enorme atraso na compra de mobiliário adequado para a guarda destes documentos.
16. Trata-se de uma idealização da Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana, realizado pelo Bureau Cultural e patrocinado pela Petrobras. Seus objetivos são, em suma, a organização e a difusão do repertório musical, disponível no Museu da Música de Mariana

Figura 14. MARIANA. ARQUIVO HISTÓRICO MONSENHOR HORTA. SOUZA, Joaquim de Paula. *Missa pequena em Dó*. Cópia de Frutuoso de Matos Couto, 1822. (Doc. não catalogado). Parte de baixo instrumental.

Do mesmo modo, foi inevitável que os alunos envolvidos nas diversas etapas de seu tratamento tomassem conhecimento das inúmeras possibilidades de pesquisas que o Arquivo Histórico Monsenhor Horta apresentava e ainda apresenta. Assim, dois excelentes trabalhos já podem ser apontados como frutos da sua existência. Um terceiro ainda está por terminar e deverá ser apresentado no final do mês de novembro deste ano.[17] O primeiro deles, intitulado São Caetano: vestígios do início de século XX, do aluno do curso de História Kleverson Teodoro de Lima, orientado pelo professor Ronald Polito de Oliveira, trabalhou com as inúmeras correspondências já higienizadas e arranjadas por ordem de seus emitentes, numa tentativa "[...] *de estabelecer o seu vínculo com o restante do material que compõe o acervo* [...] *bem como perceber as configurações inscritas em seus textos como pistas presentes no estímulo à prática epistolar - os registros dos eus - , e a interligação*

17. Trata-se da monografia do aluno Francis Wellington de Barros Andrade, intitulada *A Igreja Católica e o anticomunismo*: a dinâmica anticomunista no periódico católico *O Arquidiocesano*, da cidade de Mariana (título provisório) e orientada pelo professor Adriano Sérgio Lopes da Gama Cerqueira, cuja temática surgiu quando o mesmo higienizava a porção impressa do Arquivo e teve contato com publicações católicas da primeira metade do século XX.

dessas à profusão de imagens intensificadas pelos discursos liberais no início da República brasileira."[18]

O outro trabalho é uma monografia de bacharelado em estudos lingüísticos, intitulado *Estruturas negativas em cartas pessoais do século XIX e primeira metade do século XX*, da aluna Elaine Chaves, do Departamento de Letras, elaborado sob orientação da professora Mônica Guieiro Ramalho de Alkmim. Nela a aluna objetivou "[...] *estudar as construções negativas em cartas pessoais do distrito de Monsenhor Horta (MG), no século XIX e primeira metade do século XX*"[19] e seu arcabouço teórico foi dado pela sociolingüística. Um subproduto deste trabalho é composto de um anexo com a transcrição crítica de 111 manuscritos.

Ao fim, gostaríamos de ressaltar que iniciativas dessa natureza são sobremaneira salutares e enriquecedoras para os nossos alunos de graduação, seja para aqueles do curso de História, seja para os de Letras. São raras as instituições universitárias que têm condições de colocar seus alunos em contato direto com uma documentação tão importante, fazendo com que os mesmos possam participar das diversas tarefas de se organizar e manter uma instituição da natureza do Arquivo Histórico Monsenhor Horta, o que os torna privilegiados!

8. Bibliografia

ANDRADE, Francis Wellington de Barros. A Igreja Católica e o anticomunismo: a dinâmica anticomunista no periódico católico *O Arquidiocesano*, da cidade de Mariana. Monografia.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Saterb, 1971. (Edição comemorativa dos dois séculos e meio da capitania de Minas Gerais).

CHAVES, Elaine. *Estruturas negativas em cartas pessoais do século XIX e primeira metade do século XX*. Mariana: monografia de bacharelado, DEHIS/ICHS/UFOP, 2003.

---

18. LIMA, Kleverson Teodoro de. *São Caetano*: vestígios do início de século XX. Mariana: DEHIS/ICHS/UFOP, 2001. p.3. (Relatório geral sobre o projeto de pesquisa referente ao estudo das correspondências do acervo do histórico de Monsenhor Horta).
19. CHAVES, Elaine. *Estruturas negativas em cartas pessoais do século XIX e primeira metade do século XX*. Mariana: DEHIS/ICHS/UFOP, 2003. p.3.

COTTA, André Henrique Guerra. O Tratamento da informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG/Escola de Biblioteconomia, 2000.

GRAVATÁ, Hélio & ÁVILA, Affonso. Iconografia mineira do período colonial. *Barroco*, Belo Horizonte, 1984-5. v.13, p.33-51.

LIMA, Kleverson Teodoro de. *São Caetano*: vestígios do início de século XX. Mariana: Relatório geral sobre o projeto de pesquisa referente ao estudo das correspondências do acervo do histórico de Monsenhor Horta. DEHIS/ICHS/UFOP, 2001.

TRINDADE, Côn. Raimundo. *Instituições de igrejas no bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945. (Publicação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 13).

TRINDADE, Dom Frei José da Santíssima. *Visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade*; 1821-1825. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1998. (Mineiriana, 11).

VASCONCELOS, Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*. 4 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. v.1. (Biblioteca de Estudos Brasileiros, 3).